

Avaliação dos indicadores de ESG das empresas de Santa Catarina atendidas pelo Programa Brasil Mais Produtivo

Assessment of the ESG indicators of companies in Santa Catarina served by the Programa Brasil Mais Produtivo

Mayara Alves Lopes Mestra em Ciências Ambientais. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) – Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-5024-747X> lopes.maay@gmail.com

Leandro Hupalo Mestre em Educação. Faculdade Senac Videira (SENAC) – Brasil.
<https://orcid.org/0000-0002-8914-577X> leandrohupalo.lh@gmail.com

RESUMO

Múltiplas conquistas têm contribuído para o avanço e consolidação dos elementos ESG (Ambiental, Social e Governança), juntamente com o próprio conceito, por meio da criação de sistemas de avaliação, padrões de divulgação e índices associados. O artigo em questão tem como objetivo principal avaliar as empresas de Santa Catarina atendidas no ciclo 1 no programa Brasil Mais Produtivo com relação aos índices de ESG e correlacionar com a região onde se encontram, buscando assim saber se há uma relação direta entre os índices de ESG das empresas com a região onde a empresa está inserida. A pesquisa em questão é aplicada, do tipo descritiva e analisou de forma quantitativa as 1.278 MPEs que realizaram o diagnóstico inicial ao final do ciclo 1 do programa. As três regiões que tiveram um melhor desempenho durante o período do programa de produtividade foram: Região Meio Oeste (0,40), Região Norte (0,38) e Região Grande Florianópolis (0,24). As empresas dos setores de serviços foram as que mais tiveram mudança positiva no índice de práticas sustentáveis. As regiões que obtiveram os melhores resultados, foram também as que mais atenderam empresas do setor de serviços. Com os resultados obtidos neste estudo, podemos perceber que a relação dos resultados estava muito mais vinculada ao setor de atuação das empresas do que à região onde as empresas estavam localizadas. Este estudo considerou apenas a avaliação de um ciclo de atendimento. Para obter resultados mais confiáveis, seria recomendável compará-los com os obtidos em outros ciclos de atendimento.

Palavras-chave: ESG; Sustentabilidade; Produtividade; Santa Catarina; Programa Brasil Mais.

ABSTRACT

Multiple achievements have contributed to the advancement and consolidation of ESG (Environmental, Social, and Governance) elements, along with the concept itself, through the creation of evaluation systems, disclosure standards, and associated indices. The main objective of the article in question is to evaluate the companies from Santa Catarina served in cycle 1 of the Brazil Mais Produtivo program regarding their ESG indices and correlate these indices with the region they are located, thus seeking to determine if there is a direct relationship between the companies' ESG indices and the regions in which they are situated. The research in question is descriptive and analytical, quantitatively analyzing the 1,278 SMEs that underwent

initial and final diagnosis in cycle 1 of the program. The three regions that performed best during the productivity program period were: Midwestern Region (0.40), Northern Region (0.38), and Greater Florianópolis Region (0.24). Service sector companies experienced the most positive change in sustainable practices indices. The regions with the best results also had the highest number of service sector companies served. From the results obtained in this study, we can perceive that the relationship of the results was more closely linked to the sector in which the companies operate than to the region where the companies were located. This study considered only the evaluation of one service cycle. To obtain more reliable results, it would be recommended to compare them with those obtained in other service cycles.

Keywords: ESG; Sustainability; Productivity; Santa Catarina; Brazil Mais Program.

Recebido em 10/05/2024. Aprovado em 26/07/2024. Avaliado pelo sistema *double blind peer review*. Publicado conforme normas da ABNT.

<https://doi.org/10.22279/navus.v14.1922>

1 INTRODUÇÃO

O princípio ESG é um modelo estrutural abrangente que considera os aspectos ambientais (E), sociais (S) e de governança (G). Desde sua formalização em 2004, o princípio ESG tem sido amplamente aplicado em diferentes regiões, como Europa, América e outros países desenvolvidos. Diversas iniciativas têm impulsionado o desenvolvimento e a consolidação dos elementos ESG, incluindo a criação de sistemas de avaliação, padrões de divulgação e índices relacionados. À medida que a abordagem ESG ganha dominância, ela tem sido extensamente estudada, implementada e disseminada na prática (Li et al., 2021).

Um dos métodos de avaliação relacionados ao ESG, estabelecido pelo Instituto Cidades Sustentáveis, é o Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades (IDSC-BR). Este índice monitora 100 indicadores abrangendo os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015 como metas globais da Agenda 2030. Entre os objetivos estão a erradicação da pobreza, a redução da desigualdade, a proteção do meio ambiente e do clima, além da promoção da paz, educação de qualidade, saúde e bem-estar (IDSC-BR, 2023).

Atualmente, o estado de Santa Catarina possui quatro municípios com um nível de desenvolvimento sustentável considerado alto (com pontuações entre 60 e 79,99): Luzerna (62,21), Jaraguá do Sul (60,15), Orleans (60,06) e Balneário Camboriú (60,05). Assim, as regiões Oeste, Norte, Sul e Litoral Norte de Santa Catarina possuem pelo menos um município com alto nível de desenvolvimento sustentável.

Outro método de avaliação relacionado ao ESG é realizado dentro do Programa Brasil Mais Produtivo, desenvolvido pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). Este programa acompanha micro e pequenas empresas em várias regiões do estado, incluindo Norte, Meio Oeste, Oeste - Chapecó, Oeste - São Miguel do Oeste, Serra, Vale do Itajaí, Sul - Criciúma, Sul - Tubarão, Foz do Itajaí e Grande Florianópolis. Segundo os resultados apresentados pelo programa em 2022, houve poucas ações com foco no tema ESG, especialmente em algumas regiões do estado. Isso levantou a reflexão sobre a possível relação entre os índices de ESG e a localização das empresas.

Buscando compreender os motivos pelos quais as empresas catarinenses ainda não estão plenamente alinhadas aos ODS da ONU, o estudo tem como objetivo geral avaliar as empresas de Santa Catarina atendidas no Ciclo 1 do Programa Brasil Mais Produtivo em relação aos índices de ESG. Os objetivos específicos são: (a) levantar o perfil das empresas participantes do Programa Brasil Mais Produtivo; (b) analisar e comparar os índices de ESG das empresas por região; e (c) relacionar o índice de ESG das empresas atendidas pelo programa com o seu setor de atuação.

O estudo está estruturado em cinco seções. Na primeira, são delineados os objetivos do estudo e uma breve contextualização do tema. Em seguida, são apresentados o referencial teórico, os procedimentos metodológicos, a análise e discussão dos resultados, e, por fim, as conclusões e sugestões para futuras pesquisas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O conceito ESG começou a ganhar destaque global a partir da publicação do relatório *Who Cares Wins* em 2004. Este relatório, resultado de uma colaboração entre a ONU e instituições financeiras sob a égide do UN Global Compact, buscava desenvolver diretrizes e recomendações para integrar eficazmente as questões ambientais, sociais e de governança corporativa na gestão de ativos, serviços de corretagem de valores mobiliários e funções de pesquisa associadas. Os objetivos incluíam fortalecer a resiliência dos mercados financeiros, contribuir para o desenvolvimento sustentável, promover a conscientização e o entendimento mútuo entre as partes interessadas e explorar alternativas para aumentar a confiança nas instituições financeiras (Global Compact, 2004).

De acordo com o relatório, a essência do conceito ESG reside na incorporação de questões ambientais nas estratégias financeiras. O documento lista uma série de questões ambientais, sociais e de governança que devem ser consideradas na criação de valor para futuros investimentos, estabelecendo uma conexão direta entre questões socioambientais e os riscos enfrentados pelas organizações (Friede; Busch; Bassen, 2015; Buallay, 2019).

O Quadro 1, a seguir, ilustra as questões ambientais, sociais e de governança delineadas pelo Relatório Global Compact (2004).

Quadro 1 - Questões Ambientais, Sociais e de Governança que impactam o valor das organizações e de investimentos

Questões Ambientais	Questões Sociais	Questões de Governança
Mudanças Climáticas e riscos relacionados	Saúde e segurança no local de trabalho	Estrutura e responsabilidade do conselho
A necessidade de reduzir as emissões tóxicas de resíduos	Relações Comunitárias	Práticas de contabilidade e divulgação
Nova regulamentação ampliando os limites da responsabilidade ambiental no que diz respeito a produtos e serviços	Questões de direitos humanos na empresa e fornecedores/instalações dos contratos	Estrutura do comitê de auditoria e independência dos auditores
Aumento da pressão da sociedade civil para melhorar o desempenho, transparência e responsabilidade, levando a risco de reputação se não gerenciado corretamente	Relações com o governo e a comunidade no contexto das operações em países em desenvolvimento	Remuneração executiva

Mercados emergentes para serviços ambientais e produtos ecológicos	Aumento da pressão da sociedade civil para melhorar o desempenho, transparência e responsabilidade, levando a riscos de reputação se não gerenciado corretamente	Gestão de questões de corrupção e suborno
--	--	---

Fonte: Global Compact (2004).

A incorporação dos princípios ESG nas empresas está se tornando uma necessidade imposta pelo próprio mercado. A abordagem ESG está ganhando importância junto a instituições financeiras, grandes corporações e consumidores, e está preparada para expandir sua influência até mesmo para empresas de menor porte (Souza et al., 2023).

Uma pesquisa recente da Bloomberg projeta que a agenda ESG atrairá investimentos no valor de US\$ 53 trilhões até 2025, prevendo que um em cada três investimentos globais considerará critérios ESG (Tomaz, 2023). Desde 2014, observou-se um crescimento de 68% nos investimentos destinados a empresas que adotam práticas ESG. A pesquisa *Future Consumer Index 2021* da EY revelou que 61% dos consumidores brasileiros consideram os valores das empresas antes de realizar uma compra. Além disso, o EY Global Institutional Investor Survey (2021) mostrou que 90% dos investidores passaram a valorizar mais os critérios ESG nas decisões de investimento desde o início da pandemia da Covid-19 (Sebrae, 2023).

No Brasil, a adoção do conceito ESG está sendo explorada como uma vantagem competitiva por empresas de diversos setores e tamanhos. Segundo Ahmad et al. (2021), empresas com altas pontuações em ESG conseguem engajar-se de maneira mais eficaz com stakeholders e fortalecer a resiliência dos negócios, especialmente em momentos de crise. Segundo Grant Thornton (2021), 89% das empresas participantes de um estudo consideram o ESG importante para os negócios.

O Guia para a PME, elaborado pela Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc, 2021), destaca desafios como a complexidade de atender às exigências, fraudes, falta de conhecimento sobre problemas internos e escassez de recursos. Esses são alguns dos obstáculos enfrentados pelas PMEs no contexto das práticas de compliance e ESG (Yamasaki; Scatolin, 2023).

Segundo o Manual de Oslo (OCDE, 2005), a inovação pode ser tanto a implantação de um novo produto/serviço quanto uma grande melhoria em algo existente. Inovar internamente pode envolver a adoção de novos métodos de organização do local de trabalho, técnicas de marketing, processos de produção e mudanças de layout, todas com o objetivo de aumentar a competitividade. Scherer e Carlomagno (2016) afirmam que inovar é mais do que inventar; é preciso que a inovação traga impactos e resultados significativos para a empresa.

Para Carvalho, Reis e Cavalcante (2011), a inovação é essencial em um ambiente de alta concorrência. Empresas que inovam obtêm vantagens como redução de custos, aumento de lucros, melhor posição competitiva e maior demanda por seus produtos e serviços. Adotar novas dimensões no modelo de

negócios, como a criação de valor com redução de custos e lucro com ética, é crucial para a resiliência organizacional (Hupalo; Levi, 2024).

O processo de inovação é composto por três etapas principais: procura, seleção e implementação. A procura envolve a busca por oportunidades de inovação, a seleção foca nas ideias com maior potencial e a implementação transforma essas ideias em inovações de mercado (Tidd; Bessant; Pavitt, 2008). A reinovação, a quarta etapa, revisa o que foi criado e busca melhorias contínuas no processo de inovação.

Micro e pequenas empresas (MEs e EPPs) precisam inovar para se manter competitivas. Conforme Peters (2001), uma EPP inovadora se reinventa constantemente, priorizando a criatividade, o empreendedorismo e o desenvolvimento pessoal. A capacidade de inovar depende da estrutura e organização interna da empresa, suas condições financeiras, posicionamento no mercado e concorrentes (OCDE, 2005).

Inovar em processos internos ou organizacionais resulta em melhorias significativas no desempenho das empresas, como redução de custos de produção, desenvolvimento de produtos alinhados às demandas do público e melhoria das condições de trabalho (OCDE, 2005). Essas inovações são essenciais para manter ou aumentar a participação no mercado e reduzir danos ao meio ambiente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo adota uma abordagem predominantemente quantitativa, enfatizando a objetividade na análise de dados brutos, conforme descrito por Fonseca (2002). Além disso, possui características de pesquisa aplicada, visando soluções práticas para problemas locais (Gerhardt; Silveira, 2009).

A pesquisa caracteriza-se como descritiva, conforme Gil (2017), que afirma que as pesquisas descritivas têm o objetivo de descrever as características de uma população ou fenômeno específico. Essas pesquisas também podem ser conduzidas para identificar eventuais conexões entre variáveis.

Quanto aos procedimentos, a pesquisa é de levantamento, com o objetivo de obter informações diretamente das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Esse método envolve a coleta de informações de um número significativo de indivíduos relacionados ao problema em estudo e, subsequentemente, a realização de uma análise quantitativa para obter conclusões a partir dos dados coletados (Gil, 2017).

Os dados utilizados para as análises foram extraídos dos relatórios gerenciais internos do Sebrae Nacional, disponibilizados pela Coordenação Estadual de Santa Catarina do Programa Brasil Mais Produtividade, relativos ao Ciclo 1, realizado entre agosto de 2022 e junho de 2023 no estado de Santa Catarina. A amostra abrangeu um total de 1.278 empresas que participaram do programa até a sua conclusão e que realizaram as medições inicial e final do Radar de Inovação.

Para a análise dos resultados das empresas, foi utilizada a ferramenta Radar da Inovação, um instrumento que mede a maturidade no grau de inovação das micro e pequenas empresas, baseado em fatores que visam à competitividade (Carvalho *et al.*, 2016). Esta ferramenta é utilizada pelos Agentes Locais de Inovação para avaliar a maturidade das empresas atendidas pelo Programa Brasil Mais Produtividade, identificar as necessidades reais das empresas em termos de inovação e elaborar planos de ação com sugestões práticas e inovadoras.

Os dados foram tratados utilizando ferramentas de planilhas eletrônicas, com o uso de estatística descritiva. Técnicas de estatística descritiva, como tabelas e gráficos, foram aplicadas para a análise dos resultados, utilizando planilhas eletrônicas e o software R Studio para uma melhor visualização dos dados.

4 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Dentre as 1.278 empresas analisadas, a região da Grande Florianópolis apresentou o maior número de empresas atendidas (208), seguida da Foz do Itajaí (203) e do Vale do Itajaí (174). As regiões com menor número de empresas atendidas foram Oeste - São Miguel do Oeste (71), Serra - Lages (73) e Meio Oeste (76). Esses resultados estão diretamente relacionados ao número de Agentes Locais de Inovação (ALIs) em atividade de campo em cada região, visto que as regiões da Grande Florianópolis e da Foz do Itajaí possuem 13 ALIs cada. Em contrapartida, a região Oeste - São Miguel do Oeste conta com apenas 3 ALIs, a região Meio Oeste com 4 ALIs e a região da Serra - Lages com 5 ALIs.

A Tabela 1 apresenta o número de empresas atendidas por região administrativa do Sebrae/SC e por setor econômico.

Tabela 1 - Número de empresas atendidas por região administrativa do Sebrae/SC e por setor econômico

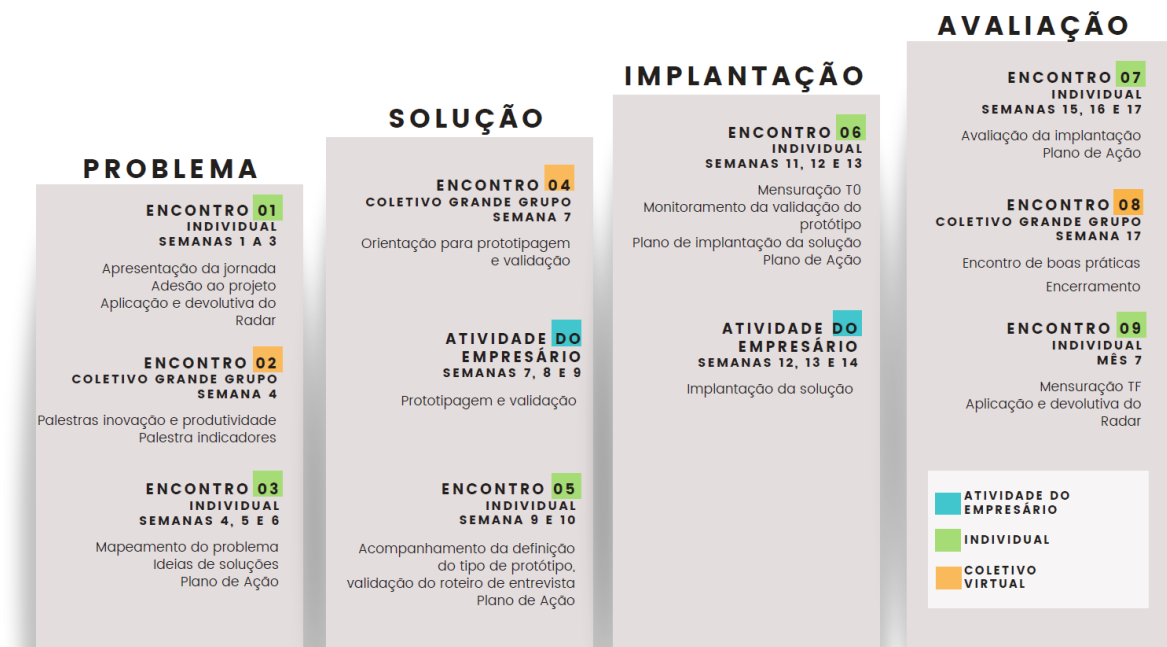
Regiões	Comércio	Construção civil	Indústria	Serviços	Total
Grande Florianópolis	95	0	21	92	208
Foz do Itajaí	80	10	35	80	205
Vale do Itajaí	88	5	28	53	174
Norte - Joinville	81	4	19	63	167
Sul - Criciúma	70	6	17	28	121
Oeste - Chapecó	55	9	11	31	106
Sul - Tubarão	32	1	19	25	77
Meio Oeste	35	0	11	30	76
Serra - Lages	25	6	6	36	73
Oeste - São Miguel	38	3	15	15	71
Total	599	44	182	453	1.278

Fonte: os autores (2024).

Conforme a Tabela 1, o setor do comércio foi o mais atendido com 599 empresas, seguido pelos serviços com 453 empresas, indústrias com 182 empresas e construção civil com 44 empresas. Nota-se que as empresas catarinenses atendidas pelo Programa Brasil Mais Produtividade são, em sua maioria, dos setores de comércio e serviços.

A Figura 1 ilustra as etapas da jornada do ALI no Programa Brasil Mais Produtividade.

Figura 1 - Jornada do ALI no Programa Brasil Mais Produtividade



Fonte: Sebrae (2020, p. 7).

Conforme a Figura 1, a Jornada do ALI, também chamada de ciclo do programa, é dividida em quatro etapas: identificação do problema, definição da solução do problema, implantação da solução do problema e avaliação da implantação da solução. Ao todo, são realizados nove encontros com os empresários, sendo seis individuais e três coletivos, com outros empresários que estão sendo acompanhados pelo mesmo ALI no ciclo. No início do ciclo ocorre a medição inicial (T0) e, ao término, a medição final (TF) com uso da ferramenta Radar da Inovação, que tem o objetivo de demonstrar ao empresário os pontos fortes e fracos de sua empresa, bem como as oportunidades de melhoria que podem ser implantadas (Sebrae, 2020).

O Quadro 2 apresenta as questões diagnósticas da ferramenta Radar da Inovação para a dimensão ESG.

Quadro 2 - Questões diagnósticas da ferramenta Radar da Inovação para a dimensão ESG

<p>Questão 21</p>	<p>Sua empresa adota boas práticas para evitar desperdício de água, energia, materiais de consumo?</p> <p>a) Não.</p> <p>b) Sim, mas não realizamos medições para saber se as medidas são efetivas.</p> <p>c) Sim, realizamos medições para acompanhar as reduções e quanto economizamos com as medidas adotadas.</p>
-------------------	---

<p>Questão 22</p>	<p>Sua empresa prioriza materiais, produtos, embalagens e equipamentos ecorresponsáveis?</p> <p>a) Não, essa não é uma questão priorizada para nossa empresa.</p> <p>b) Às vezes. Não é uma rotina ou não está sistematizado.</p> <p>c) Sim, temos política para buscarmos ser ecorresponsáveis.</p>
<p>Questão 23</p>	<p>Sua empresa possui mecanismos e ferramentas para proteção de dados dos clientes (LGPD)?</p> <p>a) Não.</p> <p>b) Sim, mas não é uma rotina.</p> <p>c) Sim, frequentemente.</p>
<p>Questão 24</p>	<p>Sua empresa possui canais de comunicação com o cliente e os colaboradores para sugestões de melhoria?</p> <p>a) Não.</p> <p>b) Sim, mas não está sistematizado.</p> <p>c) Sim, tratamos as sugestões e realizamos as devolutivas.</p>

Fonte: Sebrae (2020).

Conforme o Quadro 2, são realizadas quatro perguntas aos empresários relacionadas à dimensão ESG, que consideram temas como desperdício de água e energia, priorização de itens ecorresponsáveis, mecanismos da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) e canais de comunicação com o cliente, determinando o nível de preocupação com questões relacionada à ESG que cada empresa se enquadra.

De acordo com a ferramenta Radar da Inovação, são avaliadas seis dimensões, sendo elas: controles gerenciais, gestão de operações, práticas de inovação, gestão de marketing, transformação digital e ESG. Para cada dimensão o empresário deve responder a quatro questões diagnósticas que resultam em uma pontuação que varia de 0 a 2 pontos, conforme a alternativa escolhida em cada questão. Após a contabilização da pontuação final, a empresa recebe uma classificação para cada dimensão avaliada, que determina o nível de maturidade da empresa em relação ao Radar da Inovação. O Radar é aplicado no início e no final do programa, sob orientação e acompanhamento do ALI.

A Tabela 2 apresenta as médias dos indicadores de práticas sustentáveis levantadas durante o radar inicial e o radar final realizado com cada empresa.

Tabela 2 - Média dos indicadores ESG inicial e final.

Regiões	Média Indicador ESG Inicial	Média Indicador ESG Final
Norte - Joinville	0,55	1,00
Meio Oeste	0,62	0,95

Oeste - Chapecó	0,53	0,80
Vale do Itajaí	0,56	0,77
Grande Florianópolis	0,59	0,77
Serra - Lages	0,57	0,73
Oeste - São Miguel	0,34	0,67
Sul - Criciúma	0,40	0,52
Foz do Itajaí	0,55	0,49
Sul - Tubarão	0,39	0,49

Fonte: os autores (2024).

Considerando os valores obtidos na medição final do Radar da Inovação, referentes às práticas ESG, podemos observar que as três regiões com maiores índices de práticas sustentáveis foram: Região Norte - Joinville (1,00), Região Meio Oeste (0,95) e Região Oeste - Chapecó (0,80). No entanto, ao analisar o desempenho relacionado às práticas ESG durante o programa, devemos considerar a diferença dos valores da média inicial com a média final, conforme apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 - Ranking de desempenho de práticas ESG por região

Regiões	Indicador ESG inicial - Indicador ESG final
Meio Oeste	0,40
Norte - Joinville	0,38
Grande Florianópolis	0,24
Oeste - Chapecó	0,23
Vale do Itajaí	0,18
Serra - Lages	0,16
Sul - Tubarão	0,15
Sul - Criciúma	0,12
Oeste - São Miguel	0,12
Foz do Itajaí	0,10

Fonte: os autores (2024).

As três regiões que tiveram um melhor desempenho durante o período do programa de produtividade foram: Região Meio Oeste (0,40), Região Norte - Joinville (0,38) e Região Grande Florianópolis (0,24). Durante a análise dos resultados, percebeu-se a existência de muitas empresas com índice 0 em práticas ESG, fazendo com que a média da região diminuísse e indicando que não houve evolução no quesito ESG durante o período de participação no programa.

A Tabela 4 apresenta o número de empresas de cada região que não obtiveram resultados relacionados às práticas ESG no radar final.

Tabela 4 - Número de empresas por região que não obtiveram progresso nas práticas ESG de acordo com o radar final

Regiões	Nº de Empresas com Indicador Final 0
Meio Oeste	0
Norte - Joinville	2
Grande Florianópolis	15

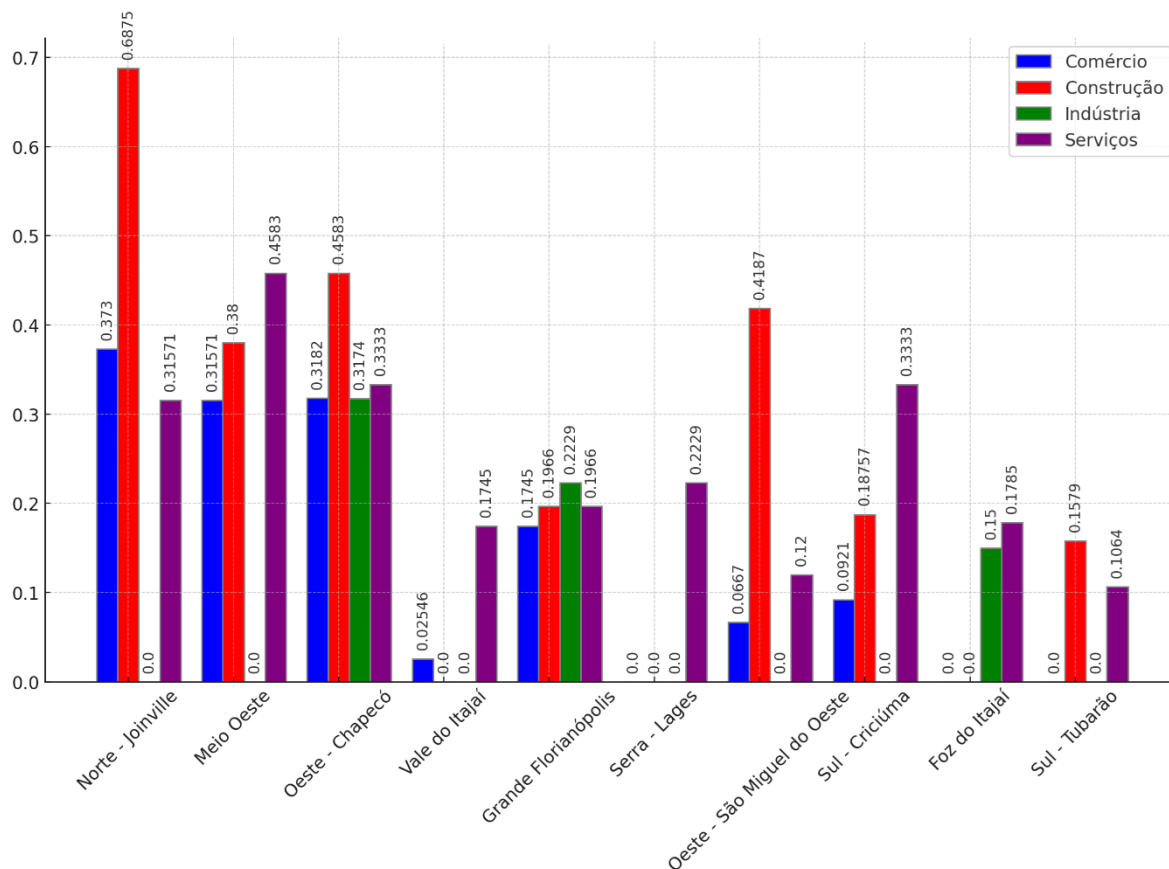
Oeste - Chapecó	13
Vale do Itajaí	2
Serra - Lages	1
Sul - Tubarão	17
Sul - Criciúma	34
Oeste - São Miguel	18
Foz do Itajaí	64

Fonte: os autores (2024).

A região do Meio Oeste foi a única em que todas as empresas pontuaram na questão de práticas sustentáveis na medição final do Radar da Inovação, seguida da região da Serra - Lages com apenas 1 empresa sem resultados e depois as regiões Norte - Joinville e Vale do Itajaí com apenas 2 empresas cada uma. As regiões de Foz do Itajaí e Sul - Criciúma foram as que obtiveram o maior número de empresas sem resultados nas práticas sustentáveis, sendo respectivamente 64 e 34 empresas, significando 32% e 28% das empresas atendidas, respectivamente.

O Gráfico 1 apresenta o desempenho dos índices de ESG de acordo com os setores das empresas atendidas por cada regional.

Gráfico 1 - Indicadores de práticas sustentáveis de acordo com os setores por região



Fonte: os autores (2024).

Ao analisarmos os desempenhos de acordo com os setores, conforme apresentado na Figura 2, podemos notar que as empresas dos setores de serviços

foram as que mais tiveram mudanças positivas no índice de práticas ESG. O setor de construção civil também demonstrou um progresso significativo, porém, por não ter sido atendido em todas as regiões, este setor acabou ficando com uma média geral menor que o setor de serviços.

Esse resultado pode decorrer do fato de que empresas prestadoras de serviços hoje têm uma maior preocupação com as questões ESG devido à cobrança por parte dos contratantes, que muitas vezes são empresas maiores com políticas que exigem a contratação apenas de empresas e responsáveis. Já o setor de construção civil também está incluindo políticas ESG por questões de fiscalização, como, por exemplo, a questão do descarte adequado dos resíduos.

Avaliando os setores das empresas das regiões que obtiveram o melhor desempenho dos índices ESG, podemos notar que ambas tiveram um número significativo de empresas no setor de serviços, sendo os valores de 39,47%, 37,72% e 44,23% das empresas atendidas respectivamente para as regiões Meio Oeste, Norte e Grande Florianópolis.

Como os resultados dos índices de desempenho em práticas ESG obtidos nesse estudo não apresentaram um padrão de acordo com a região onde estão localizados, podemos concluir que não há uma relação direta das práticas ESG com a região onde a empresa está inserida. No entanto, notamos que há uma relação com os resultados apresentados de acordo com os setores das empresas, mostrando que o setor de serviços apresentou o melhor resultado em relação ao setor do comércio. Isso sugere que intervenções voltadas para a promoção de práticas sustentáveis podem ser mais eficazes se adaptadas às características específicas de cada setor econômico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como propósito avaliar as empresas de Santa Catarina que participaram do Ciclo 1 do Programa Brasil Mais Produtivo do Sebrae, analisando seus índices de ESG e investigando sua correlação com a região em que estão localizadas. O objetivo era determinar se existe uma relação direta entre os índices de ESG das empresas e sua localização geográfica.

Os resultados obtidos revelaram uma associação mais estreita entre os desempenhos das empresas e os setores em que atuam do que com as regiões onde estão situadas. Notavelmente, o setor de serviços se destacou com o melhor desempenho em práticas ESG durante o programa.

Entretanto, chamou a atenção um déficit no setor do comércio em relação às questões de ESG. Isso sugere, possivelmente, uma falta de conhecimento, com muitos empresários acreditando que apenas indústrias e grandes empresas devem se preocupar com essas questões. Para estudos futuros, sugere-se combinar os dados coletados com questionários direcionados às empresas, buscando compreender os motivos pelos quais não são priorizadas melhorias em relação ao ESG.

É fundamental ressaltar que este estudo se concentrou apenas na avaliação de um ciclo de atendimento, com duração de seis meses. Para resultados mais abrangentes e confiáveis, seria prudente compará-los com os obtidos em outros ciclos de atendimento.

Outro aspecto analisado foi a discrepância entre os resultados finais e os valores da medição inicial do Radar da Inovação. Isso pode ter ocorrido devido a diferentes indivíduos terem respondido ao Radar da Inovação no início

e no final, ou mesmo por mudanças nos Agentes Locais de Inovação, que podem introduzir abordagens distintas ao conduzir as perguntas.

Para estudos subsequentes, seria pertinente correlacionar a formação dos Agentes Locais de Inovação de cada região com os índices de práticas ESG, avaliando se existe alguma relação entre os resultados. A falta de conhecimento adequado dos Agentes Locais de Inovação em relação às práticas ESG em pequenas e microempresas, especialmente no setor do comércio, pode ser uma das causas dessa disparidade.

REFERÊNCIAS

AHMAD, Nisar; MOBAREK, Asma; RONI, Naheed Nawazesh. Revisiting the impact of ESG on financial performance of FTSE350 UK firms: Static and dynamic panel data analysis. **Cogent Business & Management**, v. 8, n. 1, p. 1-18, 1 jan. 2021. DOI: 10.1080/23311975.2021.1900500.

BUALLAY, Amina. Is sustainability reporting (ESG) associated with performance? Evidence from the European banking sector. **Management of Environmental Quality: An International Journal**, v. 30, n. 1, p. 98-115, 2019. DOI: 10.1108/MEQ-12-2017-0149.

CARVALHO, Hélio Gomes; REIS, Dálcio Roberto; CAVALCANTE, Márcia Beatriz. **Gestão da Inovação**. Curitiba: Aymarã, 2011.

CARVALHO, Gustavo Dambiski Gomes de et al. Estrutura de agrupamento das dimensões do radar da inovação de micro e pequenas empresas no Brasil. **Revista ESPACIOS**, v. 37, n. 26, n.p, 2016. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a16v37n23/16372319.html>. Acesso em: 12 dez. 2023.

FONSECA, João José Saraiva da. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. 2002. Disponível em: <http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2024.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 20 abr. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLOBAL COMPACT. **Who Cares Win: Connecting Financial Markets to a Changing World**. 2004. Disponível em: https://d306pr3pise04h.cloudfront.net/docs/issues_doc%2FFinancial_markets%2Fwho_cares_who_wins.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Manual de Oslo: Diretrizes para a coleta e interpretação de dados sobre inovação**. 3 ed. Paris: OCDE, 2005.

EY. **Is your ESG data unlocking long-term value?** 2021. Disponível em: https://assets.ey.com/content/dam/ey-sites/ey-com/en_gl/topics/assurance/assurance-pdfs/ey-institutional-investor-survey.pdf. Acesso em: 16 set. 2023.

HUPALO, Leandro; HÜLSE, Levi. Inovação, produtividade e sustentabilidade: reflexões a partir do Programa Brasil Mais Produtivo na Região Sul do Brasil. **Capital Científico**, v. 22, n. 1, 2024. Disponível em: DOI: 10.5935/2177-4153.20240006.

FIESC. Federação das Indústrias de Santa Catarina. **Guia para a PME**. 2021. Disponível em: <https://fiesc.com.br/sites/default/files/publications/Guia%20%20-%20PMES%20%281%29.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

FRIEDE, Gunnar; BUSCH, Timo; BASSEN, Alexander. ESG and financial performance: aggregated evidence from more than 2000 empirical studies. **Journal of sustainable finance & investment**, v. 5, n. 4, p. 210-233, 2015. DOI: 10.1080/20430795.2015.1118917. Acesso em: 10 abr. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GRANT THORNTON. **IBR** - International Business Report. 2021. Disponível em: <https://www.grantthornton.com.br/en/insights/articles/ibr---international-business-report---2nd-semester-2020/>. Acesso em: 10 mai. 2024.

IDSC-BR. **Índice de Desenvolvimento Sustentável das Cidades** - Brasil. 2023. Disponível em: <https://idsc.cidadessustentaveis.org.br/>. Acesso em: 09 ago. 2023.

LI, Ting-Ting et al. ESG: Research Progress and Future Prospects. **Sustainability**, v. 13, n. 21, p. 11663, 21 out. 2021. DOI: 10.3390/su132111663.

PETERS, Tom. Reinventar-se eternamente. In: Alberto Júlio, Carlos; Salibi Neto, José. (org.). **Inovação e Mudança**: autores e conceitos imprescindíveis. Coletânea HSM Management. São Paulo: Publifolha, 2001.

SCHERER, Felipe Ost; CARLOMAGNO, Maximiliano Selistre. **Gestão da inovação na prática**: como aplicar conceitos e ferramentas para alavancar a inovação. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Guia da metodologia**: Agentes Locais de Inovação (ALI). 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/folders/1wMS3TrUCRLWDOHhHzRGlNwZIGwH455wI>. Acesso em: 10 abr. 2024.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **A importância do ESG para pequenos negócios**. 2023. Disponível em: https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Arquivos/e-book_sebrae_esg-mercados-corporativos.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

SOUZA, Isabella Pereira de et al. Análise do cálculo do score ESG adotada por bancos e financeiras para a concessão de crédito. **Journal on Innovation and Sustainability RISUS**, v. 14, n. 1, p. 129-139, 2023. DOI: 10.23925/2179-3565.2023v14i1p129-139.

TIDD, Joseph; BESSANT, John; PAVITT, Keith. **Gestão da Inovação**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.

TOMAZ, Willer. **Agenda ESG deve atrair US\$ 53 trilhões em aportes em 2025**. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2023/06/30/agenda-esg-deve-atrair-us-53-trilhoes-em-aportes-em-2025.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2024.

YAMASAKI, Beatriz Maximo; SCATOLIN, Carolina Lanzini. Esg e Compliance: Benefícios de sua Aplicação nas Pequenas e Médias Empresas. **Jornal Jurídico**, v.6, n.2, 79-88, 2023. DOI: 10.29073/j2.v6i2.776.